

# Tradução

## Reflexões sobre a mentira

Caio Souto

Professor de Filosofia da  
UEAP.  
caiosouto@gmail.com

Alexandre Koyré

### Apresentação

As *Reflexões sobre a mentira* foram publicadas inicialmente em Nova Iorque, no primeiro volume da revista trimestral *Renaissance*, publicada pela École libre des Hautes Études (vol. 1, fascículo 1, janeiro-março de 1943). Por conta de suas raízes judaicas, Koyré teve de deixar a Europa para escapar ao Holocausto, radicando-se momentaneamente nos Estados Unidos, onde passou a lecionar, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento dos estudos em história das ciências nesse país. Dentre seus célebres alunos, estão Thomas Kuhn e I. Bernard. Também na década de 1940, mais precisamente em 1947, pouco depois do desfecho da Segunda Guerra Mundial, portanto, Koyré fez publicar o volume *Epimênides, o mentiroso*, uma compilação de alguns escritos de juventude que versavam sobre o problema da mentira, mas desta vez segundo seu aporte lógico-epistemológico. Já estas *Reflexões sobre a mentira*, cuja tradução apresentamos pela primeira vez ao leitor lusófono, é por sua vez uma das raras incursões de Koyré no domínio político, ficando ainda por ser feita uma análise que levasse em consideração as relações entre esses dois textos, que permitiriam lançar luz sobre as relações entre epistemologia e política neste autor.

O texto foi, em seguida, publicado em inglês no número de junho de 1945 da revista *Contemporary Jewish Record*, do American Jewish Comitee, sob o título "The political function of the modern lie". Depois da morte de Alexandre Koyré, *Le Nouveau Commerce* reeditou esse texto em seu número 5 (primavera-verão de 1965), precedido de uma introdução de Maurice de Gandillac. A revista *Rue Descartes* publicou essas páginas em seu número 8-9 (novembro de 1993) sob o título "La fonction politique du mensonge moderne". Enfim, a editora parisiense Allia publicou o opúsculo em 1998.

As *Reflexões sobre a mentira* também foram objeto de uma tradução italiana, publicada em volume pelas edições De Martinis & C., em Catane, em 1994 (*Riflessioni sulla menzogna politica*, traduzida por Bruno Lumi, com uma introdução de Salvatore S. Nigro).

Um comentário original a esse texto, confrontando-o com outras referências filosóficas que problematizam a mentira política, pode ser encontrado no texto de Jacques Derrida *História da mentira: prolegômenos*, extraído de uma conferência feita no Brasil em 1995, no MASP (disponível em: <http://ref.scielo.org/qnd3bh>).

A versão do texto que traduzimos está disponível online gratuitamente no sítio eletrônico: [http://aejcpp.free.fr/articles/koyre\\_mensonge.htm](http://aejcpp.free.fr/articles/koyre_mensonge.htm) (último acesso em 10/11/2018).

\*\*\*

Nunca se mentiu tanto quanto em nossos dias. Nem nunca se mentiu de uma maneira tão descarada, sistemática e constante. Pode-se objetar, talvez, que a mentira é tão velha quanto o próprio mundo, ou pelo menos que o homem *mendax ab initio*; que a mentira política nasceu com a própria cidade, tal como a história nos ensina abundantemente; enfim, sem que seja necessário remontar ao curso das eras, a lavagem cerebral<sup>1</sup> da Primeira Guerra Mundial e a mentira eleitoral da época que se lhe seguiu atingiram níveis e estabeleceram recordes muito difíceis de ultrapassar.

Tudo isso é verdade, sem dúvida. Ou quase. É certo que o homem se define pela faculdade da fala, à qual é inerente a possibilidade da mentira e – Porfírio que nos desculpe – é a mentira, muito mais do que o riso, o que caracteriza o homem. É certo, igualmente, que a mentira política pertence a todas as épocas, que as regras e técnicas daquilo que outrora chamávamos de “demagogia”, e que hoje conhecemos como “propaganda”, foram sistematizadas e codificadas há milhares de anos<sup>2</sup>; e que os produtos dessas técnicas, a propaganda dos impérios esquecidos e desmoronados ainda nos falam, ainda hoje, do alto dos muros de Karnak e dos rochedos de Ankara.

É incontestável que o homem sempre mentiu. Mentiu para si mesmo. E para os outros. Mentiu para seu prazer – o prazer de exercer essa faculdade espantosa de “dizer o que não é” e de criar, por sua palavra, um mundo do qual é o único responsável e autor. Mentiu também para sua defesa: a mentira é uma arma. A arma preferida do inferior e do fraco<sup>3</sup> que, enganando o adversário, afirma-se e vingam-se dele<sup>4</sup>.

Mas não iremos proceder aqui à análise fenomenológica da mentira, ao estudo do lugar que ela ocupa na estrutura do ser humano: isso preencheria um volume. É à mentira moderna, e até mais restritamente, sobretudo à mentira política moderna, que gostaríamos de consagrar algumas reflexões. Pois, apesar das críticas que se nos podem fazer, e daquelas que nos fazemos a nós mesmos, permanecemos convencidos de que, nesse domínio, *quo nihil antiquos*, a época atual, ou mais exatamente os regimes totalitários, inovaram poderosamente.

A inovação não é total, sem dúvida, e os regimes totalitários apenas levaram até o limite certas tendências, certas atitudes, certas técnicas

1 A expressão *bouillage de crâne*, traduzida aqui por “lavagem cerebral”, surgiu no final do século XIX e difundiu-se durante a Primeira Guerra Mundial como designação da propaganda massiva e mentirosa de grande parte da imprensa da época. [N.T.]

2 Encontramos já nos diálogos de Platão, e sobretudo na *Retórica* de Aristóteles, uma análise magistral da estrutura psicológica, e portanto da técnica, da propaganda. [N.A.]

3 Enganando seu adversário ou seu mestre, o mais fraco se mostra “mais forte” do que ele. [N.A.]

4 Enganar também é humilhar, o que explica a mentira muitas vezes gratuita das mulheres e dos escravos. [N.A.]

que existiam bem antes deles. Mas nada é inteiramente novo no mundo, tudo tem fontes, raízes, germes, e todo fenômeno, toda noção, toda tendência, levados até o limite, se alteram e se transformam em algo de sensivelmente diferente.

Sustentamos que nunca mentimos tanto quanto em nossos dias, e que nunca mentimos de modo tão massivo e total quanto o fazemos hoje. Nunca se mentiu tanto... de fato, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, ondas de mentiras se espalham sobre o mundo. A palavra escrita e falada, o jornal, o rádio... todo o progresso técnico é posto a serviço da mentira.

O homem moderno – ainda aqui, é no homem totalitário que pensamos – banha-se na mentira, respira a mentira, é submetido à mentira em todos os instantes de sua vida<sup>5</sup>. Quanto à qualidade – queremos falar da qualidade intelectual – da mentira moderna, ela evoluiu no sentido inverso de seu volume. Contudo, isso é compreensível. A mentira moderna – aí está sua qualidade distintiva – é fabricada em massa e se dirige às massas. No entanto, toda produção de massa, toda produção – especialmente toda produção intelectual – destinada às massas, está obrigada a baixar seus padrões. Assim, apesar de todo o refinamento da técnica da propaganda moderna, nada é mais grosseiro que o conteúdo de suas asserções, que revelam um desprezo absoluto e total pela verdade. E até mesmo pela simples verossimilhança. Desprezo que só é equiparável ao desprezo – que ela mesma implica – pelas capacidades intelectuais daqueles a quem essa propaganda é endereçada.

Poderíamos até nos perguntar – e chegamos mesmo a fazê-lo efetivamente – se temos ainda o direito de falar aqui de "mentira". Na verdade, a noção de "mentira" pressupõe a de veracidade, da qual ela é o oposto e a negação, como a noção de falso pressupõe a de verdadeiro. Ora, as filosofias oficiais dos regimes totalitários proclamam unanimemente como sem sentido a concepção de uma verdade objetiva válida para todos; o critério da "Verdade", dizem elas, não é seu valor universal, mas sua conformidade com o espírito de raça, nação ou classe, sua utilidade racial, nacional ou social. Prolongando e levando até o limite as teorias biológicas, pragmáticas e ativistas da verdade, e consumando assim o que se chamou apropriadamente "a traição dos intelectuais"<sup>6</sup>, as filosofias oficiais dos regimes totalitários negam o valor próprio do pensamento que, para elas, não é uma luz, mas uma arma; sua finalidade, sua função, dizem elas, não é a de nos revelar o real, quer dizer, o que é, mas de nos ajudar a modificá-lo, a transformá-lo guiando-nos em direção ao que não é. Ora, por isso, como se reconhece há muito tempo, o mito é muitas vezes preferível à ciência, e a retórica que se dirige às paixões é preferível à demonstração que se dirige à inteligência.

5 O regime totalitário está essencialmente ligado à mentira. Assim, nunca se mentiu tanto na França quanto a partir do dia em que, inaugurando a marcha rumo a um regime totalitário, o marechal Pétain proclamou: "Eu odeio a mentira". [N.A.]

6 Referência à polêmica obra de Julien Benda (1867-1956), *La trahison des clercs*, cuja tradução literal é "A traição dos clérigos", publicada originalmente em 1927. Nessa obra, Julien Benda censura os intelectuais da época por aderirem inadequadamente a objetivos práticos ou políticos, traíndo sua missão que deveria ser a de defender livre e desinteressadamente os valores racionais eternos. Há tradução para o português pela Editora Peixoto Neto (2007). [N.T.]

Também em suas publicações (mesmo naquelas que afirmam ser científicas), em seus discursos e, claro, em sua propaganda, os representantes dos regimes totalitários dificilmente são constrangidos pela verdade objetiva. Mais forte que o próprio Deus Todo-Poderoso, eles transformam o presente, e mesmo o passado, como bem entendem<sup>7</sup>. Pode-se disso concluir – como se fez muitas vezes – que os regimes totalitários estão para além da verdade e da mentira.

Acreditamos, por nossa parte, que não é assim. A distinção entre a verdade e a mentira, o imaginário e o real, permanece bastante válida mesmo no interior das concepções e dos regimes totalitários. É apenas seu lugar e seu papel que são, de certo modo, invertidos: os regimes totalitários estão fundados sobre *a primazia da mentira*.

O lugar da mentira na vida humana é bem curioso. Os códigos de moral religiosa, ao menos no que concerne às grandes religiões universalistas, sobretudo aquelas que são derivadas do monoteísmo bíblico, condenam a mentira de uma maneira rigorosa e absoluta. Isso é, de resto, compreensível: sendo o seu Deus aquele da luz e do ser, segue-se necessariamente que ele também é aquele da verdade. Mentir, isto é, dizer o que não é, distorcer a verdade e ocultar o ser é, portanto, um pecado; e até mesmo um pecado muito grave, pecado de orgulho e pecado contra o espírito, pecado que nos separa de Deus e nos opõe a Deus. A palavra de um justo, assim como a palavra divina, só pode e só deve ser a palavra da verdade.

As morais filosóficas, pondo de lado alguns casos de rigorismo extremo como os de Kant e de Fichte, geralmente são muito mais indulgentes. São mais humanas. Intransigentes no que concerne à forma positiva e ativa da mentira, *suggestio falsi*, elas o são muito menos no que concerne à sua forma negativa e passiva: *supressio veri*. Elas sabem que, de acordo com o provérbio, "a verdade inteira não é boa de se dizer". Pelo menos não sempre. E não a todo mundo.

Muito mais que as morais de base puramente religiosa, as morais filosóficas levam em conta o fato de que a mentira se exprime em palavras<sup>8</sup>, e que toda palavra se dirige a alguém<sup>9</sup>. Uma mentira não é lançada "no vazio". Mentimos – assim como dizemos ou não dizemos a verdade – a alguém. Ora, se a verdade é de fato "o alimento da alma", isso vale sobretudo para as almas fortes<sup>10</sup>. Ela pode ser perigosa às demais. Pelo menos em seu estado puro. Ela pode até machucá-las. É preciso dosá-la, diluí-la, tratá-la. Além disso, devemos levar em conta as consequências, o uso que dela será feito por aqueles a quem será contada.

7 É interessante estudar, desse ponto de vista, o ensino histórico dos regimes totalitários e suas variantes. Os novos manuais de história das escolas francesas ofereciam uma ampla moção à reflexão. [N.A.]

8 O termo "palavra" [*parole*] é tomado aqui no sentido mais amplo de expressão e de sugestão. É evidente que se pode mentir sem abrir a boca. [N.A.]

9 As morais religiosas fazem da verdade uma obrigação em face de Deus e não em face dos homens. Elas proibem de mentir "perante Deus" e "perante os homens". [N.A.]

10 Essa consideração é, às vezes, apresentada mesmo nas morais religiosas. "Leite às crianças, vinho aos adultos", diz São Paulo. [N.A.]

Não há, portanto, de um modo geral, obrigação moral em dizer a verdade a todo mundo. E nem todo mundo tem o direito de exigir isso de nós<sup>11</sup>.

As regras da moral social, da moral real que se exprime nos costumes que governam, de fato, nossas ações, são ainda bem mais frouxas que aquelas da moral filosófica. Essas regras, de um modo geral, condenam a mentira. Todo mundo sabe que é "feio"<sup>12</sup> mentir. Mas essa condenação está longe de ser absoluta. A interdição está longe de ser total. Há casos em que a mentira é tolerada, permitida e mesmo recomendada.

Aqui, novamente, a análise minuciosa nos levaria longe demais. *Grosso modo*, pode-se constatar que a mentira é tolerada desde que não interfira no funcionamento adequado das relações sociais, desde que não "faça mal a ninguém"<sup>13</sup>; é permissível desde que não rompa o laço social que une o grupo, quer dizer, desde que não se exerça no interior do grupo, do "nós", mas fora dele, que não os "seus" não seja enganado; quanto aos outros<sup>14</sup>... minha fé, não são precisamente os "outros"?

A mentira é uma arma. Por isso, é lícito usá-la na luta. Seria mesmo estúpido não o fazer. Com a condição, no entanto, de só empregá-la contra o adversário e não a voltar contra os amigos e aliados.

Pode-se, portanto, de um modo geral, mentir para o adversário, enganar o inimigo. Há poucas sociedades que, como os Maori, são tão cavalheirescas a ponto de se absterem dos estratagemas da guerra. Há ainda menos pessoas que, como os Quaker e os Wahhabi, são religiosas a ponto de se absterem de qualquer mentira contra o outro, o estranho, o adversário. Quase em todos os lugares, admite-se que o engano<sup>15</sup> é permitido na guerra.

A mentira não é, em geral, recomendada em relações pacíficas. Contudo (sendo o estrangeiro um inimigo potencial), a veracidade nunca foi considerada como a principal qualidade dos diplomatas.

A mentira é, mais ou menos, admitida no comércio: aqui também os costumes nos impõem limites que tendem a se tornar cada vez mais estreitos<sup>16</sup>. Porém, os costumes comerciais mais rígidos toleram sem vacilar a mentira confessada dos anúncios.

Assim, a mentira permanece tolerada e aceita. Mas justamente... apenas tolerada e aceita. E só em alguns casos. Continua sendo uma exceção, como a guerra, na qual, somente então, torna-se justo e bom utilizá-la.

Mas e se a guerra se tornasse, ao invés de estado excepcional, episódico, passageiro, um estado perpétuo e normal? É claro que a mentira, de um

11 Deve-se dizer a verdade àqueles que se estima, a seus pares ou a seus superiores. Inversamente, a recusa da verdade implica falta de estima, falta de respeito. [N.A.]

12 "Um gentleman não mente". A veracidade é uma virtude aristocrática, ligada à noção da "honra". – Para o escravo, ela não é uma virtude, mas um dever, uma obrigação. [N.A.]

13 A hipocrisia das formas convencionais do comportamento social (urbanidade, polidez etc.) não é "mentira". [N.A.]

14 Os "seus" têm direito à verdade; mas não os "outros"? [N.A.]

15 *Déception*, palavra empregada com o sentido de *trompérie* (engano). [N.E. francês]

16 Comerciante e mentiroso eram outrora noções sinônimas. "Quem não engana não vende", diz um velho provérbio eslavo. Hoje, admite-se que para o comerciante, *honesty is the best policy*. [N.A.]

caso excepcional, passaria a se tornar um caso normal, e um grupo social que se vê e se sente cercado de inimigos nunca hesitaria em usar a mentira contra eles. O que é verdade para este grupo, e é mentira para os outros, tornar-se-ia uma regra de conduta, entraria nos costumes do grupo em questão.

Vamos mais longe. Logremos a ruptura entre o "nós" e os "outros". Transformemos a hostilidade de fato numa inimizade de certo modo *essencial*, fundada na própria natureza das coisas<sup>17</sup>. Tornemos nossos inimigos ameaçadores e poderosos. É claro que todo grupo, situado assim em meio a um mundo de adversários inflexíveis e irreconciliáveis, veria um abismo aberto entre si e os outros; um abismo que nenhum laço, nenhuma obrigação social poderia mais transpor<sup>18</sup>. Parece evidente que, dentro de tal grupo, a mentira – tal como contada aos "outros", é claro – não seria nem um ato meramente tolerado, nem mesmo uma simples regra de conduta social: ela se tornaria obrigatória, seria transformada em virtude. Por outro lado, a veracidade, se mal colocada, e a incapacidade de mentir, longe de serem consideradas como um traço cavalheiresco, seriam vistas como um defeito, como um sinal de fraqueza e incapacidade.

A análise, embora sumária e incompleta, à qual acabamos de nos dedicar não é – longe disso – um simples exercício dialético, um estudo abstrato de uma possibilidade absolutamente teórica. Muito pelo contrário: nada é mais concreto e real do que os agrupamentos sociais dos quais tentamos esboçar a descrição esquemática. Não seria difícil dar, e mesmo multiplicar, os exemplos de sociedades cuja estrutura mental apresenta, em graus diversos, os traços fundamentais, ou se preferirem, a perversão fundamental que acabamos de indicar<sup>19</sup>.

Ora, esses graus, dos quais seguimos a escala ascendente, parecem exprimir a ação de três fatores:

1. O grau de afastamento e de oposição entre os grupos em questão. Está longe de ser uma hostilidade natural ao estrangeiro, inimigo potencial e mesmo inimigo real, à raiva sagrada que inspira os combatentes de uma guerra religiosa<sup>20</sup>. E longe dela a ferocidade biológica que anima os de uma guerra de extermínio racial.
2. A relação de forças, quer dizer, de graus de perigo que ameaça o grupo estudado da parte de seus vizinhos-inimigos. A mentira, já o dissemos, é uma arma. E, especialmente, a arma dos mais fracos: nós não usamos truques contra aqueles que temos certeza de esmagar sem grandes riscos; nós o utilizaremos, ao contrário, para escapar do perigo<sup>21</sup>.

17 A melhor maneira de levar a oposição até o fim é torná-la biológica. Não é por acaso que o fascismo se tornou racismo. [N.A.]

18 A guerra era normal... A hostilidade do mundo exterior... Ai estão os temas constantes da consciência de si que os totalitários inculcam a seus povos. [N.A.]

19 Citemos, ao acaso, o treinamento na mentira do jovem espartano e do jovem indiano; a mentalidade do marrano ou do jesuíta. [N.A.]

20 É a mentalidade da guerra religiosa que traduz a fórmula célebre: *non servatur fides infidelibus*. [N.A.]

21 A mentira é uma arma; logo, nós não a empregaremos se não estivermos ameaçados ou não correremos perigo. Segue-se que um agrupamento só adotará a regra da mentira se, sendo ele mais

3. O grau de frequência dos contatos entre os grupos hostis e seus membros. Com efeito, se esses grupos, por mais hostis que sejam, nunca entram em contato, ou apenas no campo de batalha, se os membros de um grupo nunca frequentam os dos outros, eles terão – fora dos ardis de guerra – muito raramente a ocasião de mentir para eles. A mentira pressupõe o contato; ela implica e exige o comércio.

Essa última observação nos obriga a levar a análise um pouco mais longe. Suprimamos a existência autônoma de nosso grupo. Mergulhemos inteiramente no mundo hostil de um grupo estrangeiro, imerjamos inteiramente no seio de uma sociedade inimiga, com a qual contudo permanecemos diariamente em contato: é claro que dentro e por esse grupo em questão, a faculdade de mentir será ainda mais necessária, e a virtude da mentira ainda mais louvável, assim como a pressão externa, a tensão entre "nós" e os "outros", a inimizade dos "outros" por "nós", a ameaça que esses "outros" fazem pesar sobre "nós" irá crescer e aumentar de intensidade.

Avançemos com a análise, mais uma vez, até chegarmos à situação-limite; façamos crescer a hostilidade até torná-la absoluta e total. É claro que o grupo social cujos avatares estamos seguindo será forçado a desaparecer. Ou desaparecer de fato ou, mais provavelmente, aplicando até o fim a técnica e a arma da mentira, desaparecer do olhar dos outros, escapar a seus adversários, e se refugiar na noite do segredo.

Agora, a inversão é total: a mentira, para o nosso grupo, tornado um grupo secreto<sup>22</sup>, será mais do que uma virtude. Ela se tornará uma condição de existência, seu modo de ser habitual, fundamental e primeiro.

Pelo próprio fato da existência do segredo, alguns traços característicos, próprios a todo grupo social enquanto tal, se encontrarão acentuados e exagerados além da conta. Assim, por exemplo, todo grupo erige uma barreira mais ou menos permeável e transponível entre si e os outros; todo grupo reserva para seus membros um tratamento privilegiado, estabelece entre eles um certo grau de união, de solidariedade, de "amizade"; todo grupo atribui uma importância particular à manutenção dos limites de separação entre si e os "outros" e também, portanto, à preservação dos elementos simbólicos que formam, de certo modo, o seu conteúdo; todo grupo, pelo menos todo grupo vivo, considera o pertencimento ao grupo como um privilégio e uma honra<sup>23</sup>, e vê na fidelidade ao grupo um dever para seus membros; todo grupo, enfim, desde que ele se consolida e

---

fraco, ele é atacado ou perseguido. Se ele não for o mais fraco, fica isento da perversão estudada por nós, mesmo que as Jáina e os Parsis formem uma comunidade absoluta e estritamente fechada. [N.A.]

22 O estudo do agrupamento secreto foi singularmente negligenciado pela sociologia. Sem dúvida, conhecemos relativamente bem as sociedades secretas da África Equatorial; por outro lado, ignoramos totalmente, ou quase totalmente, aquelas que existiram, e que existem, na Europa. Ou, se talvez conhecemos a sua história, ignoramos a estrutura tipológica desses agrupamentos, dos quais Simmel foi quase o único a reconhecer a importância. [N.A.]

23 Há, sem dúvida, grupos – os grupos de párias – que consideram, eles mesmos, o pertencimento ao agrupamento como uma infelicidade ou uma desonra. Estes grupos terminam geralmente por desaparecer. Mas enquanto eles existem, eles consideram toda evasão como uma traição. [N.A.]

atinge uma certa dimensão, comporta uma certa organização, uma certa hierarquia.

Todos esses aspectos são agravados no grupo social: a barreira, embora permaneça intransponível<sup>24</sup> sob certas condições, torna-se permeável; a admissão ao grupo se torna iniciação irrevogável<sup>25</sup>; a solidariedade se transmuta num apego apaixonado e exclusivo; os símbolos adquirem um valor sagrado; a fidelidade ao grupo se torna o dever supremo, às vezes até único, de seus membros; quanto à hierarquia, ao tornar-se secreta, adquire também um valor absoluto e sagrado; a distância entre seus graus se amplia, a autoridade se torna ilimitada e a obediência, *perinde ac cadaver*, torna-se a regra e a norma das relações entre o membro do grupo e seus líderes.

E ainda tem mais. Todo agrupamento secreto, quer seja um agrupamento de doutrina ou um agrupamento de ação, quer seja uma seita ou uma conspiração – aliás, o limite entre os dois tipos de agrupamento é um tanto difícil de traçar, tendendo o agrupamento de ação a ser ou a se tornar, quase sempre, um agrupamento de doutrina –, toda essa organização é um agrupamento com segredo, ou até mesmo com mais de um segredo.

Queremos dizer que, por mais que se tratem de grupos dedicados exclusivamente à ação, como um bando de gangsteres ou uma articulação de lobistas, nenhum deles possui uma doutrina esotérica e secreta cujos mistérios devam ser salvaguardados dos olhos dos não-iniciados, sua própria existência é inseparável da manutenção de um segredo, e mesmo de um duplo segredo, a saber: o segredo de sua própria existência assim como das metas de sua ação.

Consequentemente, o dever supremo do membro de um agrupamento secreto, o ato pelo qual ele exprime seu apego e sua fidelidade, o ato pelo qual ele afirma e confirma seu pertencimento ao grupo, consiste, paradoxalmente, na dissimulação desse mesmo *fato*<sup>26</sup>. Dissimular o que ele é e, para poder fazê-lo, simular o que ele não é: eis, portanto, o modo de existência que, necessariamente, todo agrupamento secreto impõe aos seus membros.

Dissimular o que se é, simular o que não se é... Isso obviamente implica: não dizer – nunca – o que se pensa e o que se crê; implica também: dizer – sempre – o contrário. Para todo membro de um grupo secreto, a palavra é, na verdade, apenas um meio de esconder seu pensamento.

Assim, portanto, tudo o que é dito é falso. Toda palavra, ao menos toda palavra pronunciada em público, é uma mentira. Apenas as coisas que não se diz ou, ao menos, as que só se revelam aos "seus" são, ou podem ser, verdadeiras<sup>27</sup>.

24 O tipo clássico de agrupamento secreto é o grupo ao qual acedemos por uma iniciação que, geralmente, comporta graus; grupos secretos hereditários existem igualmente, mas eles são muito raros e, além do mais, esses grupos comportam, também eles, iniciações. No fundo, nesses agrupamentos, é a iniciação que é hereditária ou hereditariamente reservada. [N.A.]

25 Os grupos de iniciação não são necessariamente agrupamentos secretos. [N.A.]

26 É bem diferente para um agrupamento de propaganda religiosa ou política aberto, agrupamento cujos membros aceitam ou buscam o martírio em testemunho de sua fé, para quem o martírio constitui um meio de propaganda e de ação. [N.A.]

27 Também é preciso distinguir com cuidado entre a declaração pública e a comunicação,

A verdade é, portanto, sempre esotérica e oculta. Ela nunca é acessível ao comum, ao vulgar, ao profano. Nem mesmo àquele que não é completamente iniciado. Todo membro do agrupamento secreto, digno de seu papel, está plenamente consciente disso. Portanto, ele nunca acreditará no que ouvirá *em público* por um membro de seu próprio agrupamento. E acima de tudo ele nunca admitirá *como algo verdadeiro* o que é *publicamente* proclamado por seu líder. Pois não é a ele que seu chefe se dirige, mas aos "outros", a esses "outros" que ele tem o dever de cegar, confundir, enganar<sup>28</sup>.

Assim, por um novo paradoxo, é na recusa de acreditar no que ele *diz e proclama* que se exprime a confiança do membro do agrupamento secreto em seu chefe.

Pode-se objetar, sem dúvida, que nossa análise, por mais correta que seja, afasta-se do assunto. Governos totalitários são, infelizmente, nada menos do que sociedades secretas, cercadas por inimigos ameaçados e poderosos, obrigados por isso a buscar a proteção da mentira, a se esconder e a se dissimular<sup>29</sup>. E da mesma forma será dito que os "partidos únicos" que formam a armadura dos regimes totalitários não podem ter nada em comum com agrupamentos de conspiradores: eles operam, com efeito, em pleno dia. Então, bem longe de querer se fechar e elevar uma barreira entre eles e os outros, sua meta, confessada e patente, é justamente absorver todos esses "outros", englobar e abraçar a nação (ou a raça) como um todo.

Além disso, poderiam contestar também o vínculo que pretendemos estabelecer entre o totalitarismo e a mentira. Pode-se argumentar que, longe de esconder e de dissimular as metas imediatas e de longo alcance de suas ações, os governos totalitários sempre os proclamaram *urbi et orbi* (o que nenhum governo democrático jamais teve coragem de fazer), e que é ridículo acusar de mentiroso alguém que, como Hitler, anunciou publicamente (e até fez imprimir, em *Mein Kampf*, preto no branco) o programa que ele em seguida realizou ponto por ponto.

Tudo isso é justo, sem dúvida, mas em parte apenas. E é por isso que as objeções que acabamos de formular não nos parecem de modo alguma decisivas.

É verdade que Hitler (assim como os outros chefes dos países totalitários) anunciou publicamente todo o seu programa de ação. Mas foi precisamente porque ele sabia que não seria acreditado pelos "outros", que suas declarações não eram levadas a sério pelos não-iniciados; foi precisamente dizendo-lhes a verdade que ele estava certo de enganar e anestesiar seus adversários<sup>30</sup>.

---

mais ou menos secreta e completa, da verdade esotérica aos iniciados e aos candidatos à iniciação. [N.A.]

28 Crer em informações e asserções esotéricas é demonstrar, por isso mesmo, a insuficiência de sua iniciação; é desqualificar a si mesmo. [N.A.]

29 Sabe-se, contudo, a que ponto os regimes totalitários cultivam entre seus adeptos e seus povos a psicologia da justa perseguição, do povo eleito cercado de um mundo de inimigos que lesam seus direitos e os ameaçam em sua existência. Inversão característica da situação real, que alimenta o sobressalto de inferioridade dos totalitários. [N.A.]

30 A técnica da mentira em segundo grau foi, como bem o sabemos, largamente empregada pela diplomacia bismarkiana. Sua utilização, concorrentemente com a da mentira simples – o que

Essa é uma velha técnica maquiavélica de mentira em segundo grau, a mais perversa de todas, pela qual a própria verdade se torna um instrumento puro e simples de engano<sup>31</sup>. Parece claro que essa "verdade" não tem nada em comum com a verdade.

Também é verdade que nem os Estados totalitários nem os seus partidos são sociedades secretas no sentido preciso desse termo e que eles agem publicamente. E até mesmo fazem um grande uso da publicidade. É precisamente isso – e é nisso que consiste a inovação da qual acabamos de falar – que são as *conspirações às claras*.

Uma conspiração às claras – forma nova e curiosa do agrupamento de ação, própria à época democrática da civilização de massas, não está cercada de ameaças e por isso não precisa se dissimular; bem ao contrário, sendo obrigada a agir sobre as massas, ela precisa aparecer em plena luz, e mesmo concentrar essa luz sobre si mesma e sobretudo sobre os seus líderes. Os membros do agrupamento, do mesmo modo, não têm necessidade de se esconder: bem ao contrário, eles podem exibir seu pertencimento ao agrupamento, ao "partido", eles podem torná-lo visível e reconhecível aos outros e mesmo aos seus por sinais exteriores, emblemas, insígnias, usando braçadeiras ou mesmo uniformes, por gestos rituais realizados em público. Mas tanto quanto os membros de uma sociedade secreta – e isto apesar do fato, que acabamos de mencionar, de que a conspiração às claras tende necessariamente a se tornar uma organização de massas – os totalitários manterão uma distância entre si e os outros; a adoção de sinais exteriores de pertencimento ao "partido" só fará acentuar a oposição e tornar mais nítida a barreira que os separa dos que estão de fora; a fidelidade ao agrupamento permanecerá a virtude principal de seus membros; a hierarquia interior do "partido" assumirá o aspecto e terá a estrutura de uma organização militar, e a regra *non servatur fides infidelibus* será ainda mais escrupulosamente obedecida. Pois a conspiração às claras, se ela não é uma sociedade secreta, ainda é uma sociedade de segredos.

A vitória, isto é, o sucesso da conspiração, não destruirá os traços que acabamos de mencionar; ela se limitará a enfraquecer alguns deles, mas, ao revés, intensificará outros e, particularmente, reforçará o sentimento de superioridade da nova classe dirigente, sua convicção em pertencer a uma elite, a uma aristocracia completamente separada da massa<sup>32</sup>.

Os regimes totalitários nada mais são do que conspirações nascidas do ódio, do medo, da inveja, nutridas pelo desejo de vingança, de dominação e de rapina; e são conspirações bem-sucedidas, ou melhor – e este é um ponto importante – são conspirações *parcialmente* bem-sucedidas: elas conseguiram se impor em seus países, conquistar o poder, conquistar o

---

tem por resultado confundir o adversário – é característica da diplomacia totalitária. [N.A.]

31 Engano dos adversários; por outro lado, os "seus", os iniciados e aqueles que são dignos de o ser encontrarão aí o anúncio e a expressão da verdade. [N.A.]

32 Poderíamos chamá-la a "aristocracia da mentira", se esses termos não se repelissem entre si. Com efeito, uma elite da mentira é, necessariamente, uma elite mentirosa, uma cacocracia e não uma aristocracia. [N.A.]

Estado. Mas não conseguiram – ainda não – atingir as metas que para si mesmas se propuseram<sup>33</sup> e, por isso, continuam conspirando.

Pode-se perguntar se a noção de conspiração em pleno às claras não é uma contradição *in adjecto*. Uma conspiração implica mistério e segredo. Como poderia ser feita às claras?

Sem dúvida. Toda conspiração implica o segredo; segredo que concerne precisamente às metas de sua ação; metas que ela dissimula justamente para poder atingi-las e que são conhecidas apenas por aqueles "que pertencem ao grupo". Mas a conspiração às claras não constitui de nenhum modo exceção a essa regra, pois, como acabamos de dizer, embora não seja uma sociedade secreta, ela ainda é uma sociedade *de segredos*.

Como, todavia, uma sociedade desse tipo, quer dizer, uma sociedade que opera em lugar público, que busca organizar as massas, e cuja propaganda se dirige às massas, poderia guardar um segredo? A questão é perfeitamente legítima. Mas a resposta não é tão difícil quanto poderia parecer de início. É até bastante simples, pois há apenas um único meio de guardar um segredo; é não o revelar; ou só revelá-lo aqueles de quem se tem certeza, a uma elite de iniciados.

Ora, na conspiração às claras, essa elite que é a única conhecedora das metas reais do complô é, naturalmente, formada pelos líderes, pelos membros dirigentes do "partido". E como ele exerce uma ação pública e seus líderes agem em público e são obrigados a expor publicamente sua doutrina, a fazer discursos públicos e declarações públicas, segue-se que a manutenção do segredo implica a aplicação constante da regra: toda asserção pública é criptograma e mentira; tanto uma asserção doutrinária quanto uma promessa política, tanto a teoria<sup>34</sup> ou fé oficial quanto uma obrigação contratada por tratado.

*Non servatur fides infidelibus* continua permanece a regra suprema. Os iniciados o sabem. Os iniciados e aqueles que são dignos de o ser. Eles vão compreender, decifrar e perceber o véu que mascara a verdade.

Os outros, os adversários, a massa, inclusive a massa dos adeptos do agrupamento, aceitarão como verdadeiras as asserções públicas e, por isso mesmo, serão indignos de receber a verdade secreta e de fazer parte da elite.

Os iniciados, os membros da elite, e isso por uma espécie de saber intuitivo e direto<sup>35</sup> – conhecem o pensamento íntimo e profundo do chefe, conhecem os fins secretos e reais do movimento. Assim, eles não são de modo algum perturbados pelas contradições e pelas inconsistências de suas asserções públicas: eles sabem que eles têm por meta desapontar as massas, os adversários, os "outros", e eles admiram o líder que manipula e pratica tão bem a mentira. Quanto aos outros, mostram por esse fato

33 Para aquele que sabe ler, a meta de dominação mundial está claramente formulada em *Mein Kampf*. [N.A.]

34 A teoria ainda é a da propaganda. Propaganda, é bem verdade, por não iniciados que nela creem. [N.A.]

35 Uma espécie de contato místico se estabelece para o iniciado – ou para aquele que crê o ser – entre si mesmo e o líder. [N.A.]

mesmo que são insensíveis à contradição, impermeáveis à dúvida e incapazes de pensar.

A atitude espiritual que acabamos de descrever, atitude que é aquela de todos os regimes totalitário e, é claro, sobretudo do regime totalitário por excelência, isto é, do regime de Hitler<sup>36</sup>, implica evidentemente uma concepção do homem, uma antropologia. Mas, para se opor à antropologia democrática ou liberal, a antropologia totalitária não consiste numa inversão de valores que, rebaixando o pensamento, a inteligência, a razão, colocariam no topo do ser humano as forças obscuras, "telúricas", do instinto e do sangue.

Sem dúvida, a antropologia totalitária insiste sobre a importância e sobre o papel da primazia da ação. Mas ela não despreza a razão<sup>37</sup>. Ou, pelo menos, o que ela despreza, ou mais exatamente, abomina, são apenas suas formas mais elevadas, a inteligência intuitiva, o pensamento teórico, o *nous*, como os gregos a chamavam. Quanto à razão discursiva, a razão raciocinante e calculadora, ela não ignora de modo algum o seu valor<sup>38</sup>. Pelo contrário. Ela a coloca tão alto que a nega ao homem comum. Na antropologia totalitária, o homem não se define pelo pensamento, pela razão ou pelo juízo, justamente porque, segundo ele, a imensa maioria dos homens é privada dele. Aliás, pode-se ainda falar do homem? De modo algum. Pois a antropologia totalitária não admite a existência de uma essência humana una e comum a todos<sup>39</sup>. Entre um homem e um "outro homem" a diferença não é, para ela, uma diferença de grau, mas uma diferença de natureza. A velha definição grega que determina o homem como *zoon logicon* repousa sobre um equívoco: não há conexão necessária entre logos-razão e logos-palavra, nem há medida comum entre o homem, animal racional, e o homem, animal falante. Pois o animal falante é, antes de tudo, um animal crédulo, e o animal crédulo<sup>40</sup> é precisamente aquele que não pensa<sup>41</sup>.

Segundo crê a antropologia totalitária, o pensamento, isto é, a razão, o discernimento entre o verdadeiro e o falso ou entre decisão e juízo, é uma coisa muito rara e muito pouco difundida no mundo. Ele concerne

---

36 O fascismo italiano, ainda que *tempore prior*, é apenas uma pálida imitação, senão uma caricatura, do totalitarismo hitleriano. [N.A.]

37 Ela despreza o homem, e mais particularmente, o homem totalitário. Cf. R. Avord, "Tyrannie et mépris des hommes", *France Libre*, n° 16, 1942. [N.A.]

38 Como ela poderia? O totalitarismo que, oficialmente (isto é, pretensa e falsamente) degrada a razão e a organização racional, em proveito da visão e da ligação orgânicas, na verdade só realiza a mais rígida das mecânicas. [N.A.]

39 Entre os membros da "elite" e o resto da humanidade, o *homo sapiens* e *homo credulus*, há para a antropologia totalitária tanta diferença quanto há, para a antropologia gnóstica, entre os híllicos e os pneumáticos ou, na antropologia aristotélica, entre o homem livre e o escravo. [N.A.]

40 A propósito de uma passagem da *Ética* de Spinoza, Koyré demonstrava as implicações de uma confusão entre dois conceitos com o mesmo "nome", mas que nada teriam em comum: "O cão, animal que late, e o cão, constelação celeste". Aqui, numa análise correlata, Koyré cinde duas definições absolutamente diversas, a seu ver, mas que se confundem num mesmo "termo" ou "nome": o "homem" (que pode ser tanto o animal racional quanto o animal falante). A origem do equívoco estaria na confusão de outras duas definições confundidas noutro "termo": o "logos" (que pode ser tanto palavra quanto razão). [N.T.]

41 O animal que pensa busca a inteligência; o animal crédulo, a certeza. [N.A.]

à elite, e não à massa. Quanto a esta, ela é guiada, ou melhor, movida, pelo instinto, pela paixão, pelos sentimentos e pelos ressentimentos. Ela não consegue pensar. Nem querer. Ela apenas sabe obedecer e acreditar<sup>42</sup>.

Ela crê em tudo o que se diz. Contanto que seja dito com bastante insistência. Contanto também que suas paixões, seus ódios e seus medos sejam atendidos. Logo, é inútil tentar permanecer dentro dos limites da verossimilhança: ao contrário, quanto mais se mente grosseira, massiva e cruamente, mais prontamente se acredita na mentira e por ela se é conduzido. Também é inútil tentar evitar a contradição: a massa nunca a notará; inútil procurar coordenar o que é dito a alguns com o que é dito a outros: cada pessoa ou grupo sempre acredita apenas no que é dito *a ele próprio*<sup>43</sup>, não no que os outros dizem; é inútil visar a coerência: a massa não tem memória<sup>44</sup>; é inútil esconder a verdade dela: ela é radicalmente incapaz de o perceber; é inútil até mesmo esconder dela que ela está sendo enganada: ela jamais compreenderá que é ela que está em jogo; que é a esse tratamento que ela está submetida<sup>45</sup>.

É essa antropologia que está na base da propaganda dos líderes da conspiração às claras: e seu sucesso explica o desprezo literalmente sobre-humano dos totalitários – queremos dizer dos membros da elite que está no conhecimento – pela massa<sup>46</sup>, tanto a de seus adversários quanto a de seus adeptos; pela massa, isto é, por todos os que acreditam neles e os seguem, e também aqueles que, sem seguir, no entanto, acreditam. Não vamos contestar a validade dessa atitude. Ela nos parece aceitavelmente justificada. Aliás, os representantes e os líderes dos regimes totalitários estão bem posicionados para julgar o valor intelectual e moral de seus adeptos e de seus enganados.

Apenas nos limitamos a constatar que, se o sucesso da conspiração totalitária pode ser considerado como prova empírica de sua doutrina antropológica e da eficácia perfeita dos métodos de ensino e de educação fundados sobre ela, essa prova só vale para seus próprios países e seus próprios povos. Ela não se aplica aos outros, e menos ainda aos países democráticos que, permanecendo obstinadamente incrédulos, mostraram-se refratários à propaganda totalitária: pois, nesses países, essa propaganda,

---

42 *Credere, obediere, combattere* – tal é o dever do povo. O pensamento é reservado ao líder. [N.A.]

43 A técnica da mentira múltipla procede segundo o princípio: "eu sou pássaro, veja minhas asas, eu sou rato, vivam os roedores" e oferece a grande vantagem de permitir a falsa confiança, equivalente psíquico da falsa iniciação, que dá aos enganados a (falsa) satisfação de formar uma exceção, de se crer no "segredo", e de experimentar um sentimento de superioridade e, portanto, de contentamento, vendo "os outros" sucumbir à mentira". [N.A.]

44 "Os italianos são nórdicos", declarou um belo dia Mussolini, depois de ter zombado, publicamente e por escrito, durante anos do racismo de Hitler. [N.A.]

45 Também Hitler se permite expor sua teoria da mentira em *Mein Kampf*. Muito poucos de seus leitores entenderam que era deles que se falava. [N.A.]

46 A noção de massa adquire, deste modo, um sentido em alguma medida qualitativo e funcional: a "massa" se define pela incapacidade de pensar, e tal incapacidade se revela e se demonstra no e pelo fato de ela crer nas doutrinas, nos ensinamentos, nas promessas do *Führer*, dos *Duce* e outros líderes dos regimes totalitários. É claro que, neste sentido, o termo "massa" já não designa uma categoria social, mas uma categoria intelectual e os membros da "classe" são frequentemente recrutados entre os das "elites sociais". [N.A.]

ainda que sustentada por conspirações locais, só pôde, no final das contas, enganar uma certa parte da autoproclamada "elite social". Assim, por um último paradoxo – que, no fundo, não é um paradoxo –, são justamente as massas populares dos países democráticos, desses países pretensamente degenerados e menosprezados que, de acordo com os próprios princípios da antropologia totalitária, provaram pertencer à categoria superior da humanidade, composta por homens que pensam. Inversamente, as pseudo-aristocracias totalitárias representam a categoria inferior, a do homem crédulo que não pensa.